

Estágio Supervisionado e Musicalização Infantil: Um relato de experiência na UFCG

Roger Cristiano Lourenço Silva
UFCG
rogercristianosilva@gmail.com

Resumo: O presente relato descreve as principais experiências obtidas por meio da nossa atuação na disciplina Estágio Curricular Supervisionado I, do curso de Licenciatura em Música, na Universidade Federal de Campina Grande, UFCG. O estágio em questão foi planejado para ser realizado na Unidade Acadêmica de Educação Infantil, UAEI, da UFCG, no período de 16 de junho a 11 de agosto do ano de 2015. Neste período estivemos sob a orientação do Prof. Ms. João Valter, e discutimos as bases pedagógicas e filosóficas que dariam solidez ao trabalho. Os alunos da Unidade eram em geral filhos de alunos ou professores dos cursos de graduação da UFCG, caracterizando uma realidade familiar não muito comum nas demais escolas públicas de ensino regular. Esta experiência serviu para testarmos metodologias na área de educação musical, tendo a oportunidade de reformular nossa forma de comunicação com alunos do Ensino Infantil, e assim, observar seus comportamentos e maneira de interagir na sala de aula.

Palavras chave: Educação Musical; Musicalização Infantil; Estágio.

INTRODUÇÃO

Ao abordar as principais características do estágio, Zabala (1998, p.15) afirma que “[...] a decisão de adotar uma estratégia de mudança precede o desenvolvimento da compreensão. A ação inicia a reflexão”. Assim sendo, torna-se interessante o equilíbrio entre o que se estuda e o que se aplica. Nessa perspectiva, Morato *apud* Silva e Oliveira (2014, p. 3) expõe esta ideia do ponto de vista de um estudante de graduação: “O fato de estarmos trabalhando ao mesmo tempo em que estamos tendo a oportunidade de cursar uma licenciatura em educação musical nos permite colocar em prática o aprendizado imediato e nos proporciona habilidades pedagógico-musicais”. Situar o aluno na realidade do atual cenário educacional é, portanto, uma característica do Estágio Supervisionado. Essa experiência permite a aquisição de um conhecimento prático em uma área de atuação, além de proporcionar um espaço laboratorial

para testes metodológicos e aplicação de conhecimentos de ordem acadêmica, profissional e pessoal. Nessa perspectiva, Figueiredo (2005, p. 22) afirma que “Cada vez mais se compreende que a formação deve estar diretamente atrelada às realidades sociais escolares [...]”.

Assim, inicialmente a nossa turma de estagiários se reuniu para uma revisão bibliográfica, onde traçou-se um paralelo entre o desenvolvimento da educação musical no ocidente ao longo dos séculos com o ensino de música no Brasil e também se estudou as principais tendências pedagógicas do século XX, a saber: Tradicionalista; Escola Nova; Tendência Criativa; Tendência Contextualista; Tendência Pós-criativa. Penna (2015), Cloutier (2012) e Papalia (2008) foram relevantes para este trabalho no que diz respeito aos fundamentos básicos da musicalização, além de ampliar o conhecimento das fases do desenvolvimento humano, especialmente a infância, uma vez que o estágio seria realizado na Educação Infantil. Após esse primeiro momento, deu-se a aproximação com o campo de estágio, através de entrevista com a Coordenadora, visita para sondagem do estilo do Projeto Pedagógico da instituição. Somente após este período de preparação é que partimos para os trabalhos do estágio propriamente dito.

1. ESTRUTURA FÍSICA-ORGANIZACIONAL E PERFIL PEDAGÓGICO DA INSTITUIÇÃO

A estrutura física da UAEI oferece ambientes variados para que alunos e professores possam desempenhar as atividades educacionais. Cada sala de aula possui um quadro acrílico, um aparelho sonoro, um armário para armazenamento de materiais escolares, ventiladores de teto, banheiro adaptado para crianças, três caixas repletas de brinquedos. Além da sala de aula, os educadores podem utilizar uma sala de multimídia onde é possível lançar-se mão de recursos como Datashow, DVD's, televisores, etc. Além desses espaços citados, de características internas, a UAEI ainda possui dois espaços externos não cobertos, permitindo aulas ao ar livre, desde que não esteja chovendo ou que a temperatura não esteja muito elevada. A Unidade ainda conta com uma biblioteca frequentemente visitada pelos alunos, e com uma sala onde são armazenados brinquedos pedagógicos em geral, entre eles, alguns instrumentos musicais como:

flautas, pandeiros e chocalhos. A estrutura organizacional desta Unidade é composta por instâncias com funções específicas de acordo com as finalidades de funcionamento da mesma. As instâncias são: Assembleia de Usuários; Conselho de Usuários; Coordenação Geral e Adjunta; Secretaria Geral; Serviço de Apoio e uma Equipe Técnica.

De acordo com o Projeto Pedagógico da UAEI (2013, p. 4), a instituição tem como principais objetivos: desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão buscando, prioritariamente, a produção de conhecimento na área da Educação Infantil; oferecer o ensino da Educação Infantil, visando à formação integral de crianças a partir de zero a seis anos de idade; oferecer a instituições de Educação Infantil de Campina Grande e cidades circunvizinhas cursos de formação continuada; proporcionar campo de estágio, observação e pesquisa para professores, pesquisadores e alunos de cursos ou programas de instituições federais, estaduais, municipais e privadas de ensino. Ainda tomando como base as informações do Projeto Pedagógico da UAEI (2013, p.5), no que diz respeito à proposta pedagógica da instituição, as finalidades que mais se destacam são: promover o desenvolvimento harmonioso e integral da criança, a partir de uma perspectiva sociointeracionista de aprendizagem e desenvolvimento; considerar e respeitar a história e os valores culturais e sociais da criança; atender às necessidades de cuidado e educação de crianças de zero a seis anos, tendo em vista o respeito aos ritmos diversificados de desenvolvimento; proporcionar uma relação de interação entre crianças e adultos e entre crianças de faixas etárias diferentes a partir dos preceitos de solidariedade, respeito mútuo e afetividade; propiciar um ambiente estimulador para que a criança se desenvolva e construa significações e formas cada vez mais complexas de sentir e pensar; ampliar os conhecimentos da criança através do brincar e da vivência com as múltiplas linguagens, de forma a favorecer o estímulo de aspectos como cooperação, criticidade, criatividade, responsabilidade, formação de autoconceito positivo e cidadania; buscar, na relação com profissionais especializados, subsídios para atender às diversas necessidades das crianças com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, acolhendo o potencial de cada uma delas.

2. DESENVOLVIMENTO DO ESTÁGIO

2.1 Fase de Observação

O primeiro contato com a equipe pedagógica da UAEI foi de grande relevância para conhecermos o campo de estudo. Com o auxílio do professor orientador elaboramos um questionário com dúvidas referentes à estrutura física, à corrente pedagógica que regia os parâmetros didáticos da instituição, faixa etária das crianças, se havia algum aluno com necessidades educacionais especiais, se havia professores especialistas no ensino de música, dentre outras. A Coordenadora de Pesquisa e Extensão, Ivanilda Oliveira, sanou nossas dúvidas e organizou os horários de atuação, além de distribuir cada equipe de estagiários entre os grupos da Unidade. Devido ao período de greve ocorrido entre 25 de junho e 10 de outubro de 2015 foi necessário fazer algumas alterações nos horários de atuação, nada que atrapalhasse o desenvolvimento do processo de estágio.

Nossa intervenção pedagógica teve o tempo determinado de 20 minutos por aula, podendo estender ou encurtar um pouco este tempo de acordo com as necessidades surgidas posteriormente. No primeiro dia de observação do grupo 5, percebemos que existia uma clara definição sobre o objetivo da aula, entretanto, não foi feita nenhuma menção sobre qual seria o “tema do dia”. Por vezes, a professora fazia umas pausas curtas nas atividades ministradas, permitindo a execução de dinâmicas, ou então ela permitia que os alunos explorassem a caixa de brinquedos que havia na sala. As aulas tinham a duração das 8:00 horas às 11:30 horas, mas os professores tinham o costume de chegar um pouco antes do horário e sair um pouco depois. Entre às 9:30 horas e 10:00 horas os alunos podiam brincar livremente no *playground* da Unidade e na sala, nesse horário eles também merendavam com a supervisão dos professores.

As aulas eram ministradas numa linguagem acessível à faixa etária e de acordo com os elementos da realidade do alunado. As atividades propostas pela professora seguiam uma determinada ordem de acontecimentos lógicos, instigava os alunos a participarem, prendia a atenção deles e pareciam sempre buscar desenvolver alguma competência cognitiva. Na maioria

das vezes o conteúdo era repassado de forma verbal, possuía um caráter dialógico, como se fosse uma espécie de diálogo informal onde os alunos expunham o conhecimento prévio sobre um tema, a docente aproveitava essa abertura para fazer questionamentos durante a aula, como uma recapitulação, fazendo com que os discentes efetuassem uma síntese do conteúdo sempre que a regente julgava necessário passar para outra etapa da atividade. A relação entre os alunos e a professora era claramente harmoniosa, eles sempre respeitavam o momento em que ela expunha os conteúdos, e, embora possuíssem o direito de questionar ou intervir na aula, isso só acontecia quando a docente permitia, propiciando assim um ambiente organizado e ordenado. Raras vezes era necessária uma intervenção um pouco mais dura para os educandos ficarem em silêncio, geralmente, uma ordem feita com imparcialidade já garantia a organização no recinto. Os alunos tinham acesso a uma gama de materiais didáticos, além do quadro branco, a professora utilizava de gravuras, CD's, livros, cartazes, massa de modelar, lápis de cera etc.

A professora do grupo 5 buscava a interação ativa dos discentes nas aulas, a avaliação se dava de forma contínua, e prezou-se por um ambiente educacional organizado.

No grupo 3 os horários eram divididos de forma semelhante ao grupo 5, porém, desta feita no período da tarde. Consideramos o grupo 3 um pouco mais difícil de trabalhar por conta da faixa etária, segundo Erikson (1968 *apud* CLOUTIER 2012) a criança nessa faixa etária passa pelo estágio do desenvolvimento denominado *autonomia* – vontade de assumir o controle sobre si mesmo, podendo recusar pedido dos pais, afim de se tornar uma pessoa distinta. Podendo exigir mais afincos do professor para harmonizar o ambiente. Esta fase também é conhecida como *primeira infância*, de acordo com os autores Papalia; Olds; Feldman (2006) a fala e a compreensão se desenvolvem rapidamente, contudo, operações cognitivas mais complexas ainda são formidáveis nesta fase. Isto se dá pelo fato do crescimento físico e desenvolvimento da motricidade ser prioridades nessa faixa etária.

Não foi possível perceber com a mesma clareza do grupo 5 os objetivos das aulas no grupo 3, também não havia uma temática específica para as aulas. Devido à necessidade de explorar a aprendizagem nos discentes através da experimentação, um mesmo esboço temático

não era mantido durante o dia todo de atividades. Quanto aos conteúdos de ensino, o professor tratava de explaná-los através de dinâmicas que envolviam a movimentação corporal, a pintura, o desenho, a linguagem verbal. Tudo feito de acordo com uma linguagem de fácil compreensão para os alunos, sobre isso, na fala não eram utilizados diminutivos, a linguagem empregada em sala de aula fazia uso de elementos do cotidiano dos alunos, e eles interagem sempre que possível. A participação dos discentes no processo de aprendizagem do grupo 3 tinha um caráter mais passivo do que o grupo 5, o professor os mobilizava e procurava explorar a interação dos educandos, mas, por muitas vezes eles demoravam ou nem chegavam a entender o que estava ocorrendo, eles reagiram de forma semelhante quando propomos uma atividade rítmica.

Embora o grupo 3 possuísse uma característica mais passiva em relação ao processo de aprendizagem, as atividades propostas pelo professor pareciam buscar o desenvolvimento de determinadas competências cognitivas, e aparentavam seguir uma linha sequencial e lógica. O método de ensino era expositivo-dialógico, com o professor extraíndo o conhecimento prévio dos alunos em forma de diálogo, e os discentes eram levados a lembrar dos conteúdos ensinados em aulas anteriores. Os materiais didáticos utilizados eram semelhantes ao do grupo 5, com a adição de tinta guache e *glitter*.

Ambos os grupos possuíam um número pequeno de alunos. No grupo 3 havia dez, e no grupo 5 havia oito. Isso facilitou muito a intervenção pedagógica, mas a principal dificuldade observada foi o fato de musicalizar os alunos que eram ensinados de forma não eficaz, já que a Unidade não possuía professores especializados em música.

2.2 Regência de Aulas

As aulas ministradas ocorreram entre o dia 18 de junho e 25 de novembro de 2015, totalizando um número de 2 aulas de observação e 12 de intervenção, diferente do que havia sido planejado inicialmente, por motivo da greve, considerando que as atividades acadêmicas

foram paralisadas por aproximadamente 3 meses. Este fato, notavelmente atrapalhou um pouco nosso trabalho.

Nesse período de regência as equipes de estagiários foram divididas em duplas ou em trios, infelizmente algumas duplas foram afetadas por desistência de algum membro. Foi positivo trabalharmos sozinhos algumas vezes, pudemos exercitar a autonomia docente, adaptar alguns planos de aula na hora por conta da ausência não avisada previamente do colega, extraíndo da aula um dinamismo didático em um rápido tempo de reação aos acontecimentos. Essas situações inesperadas são comuns no dia a dia da sala de aula, e, ao que indica Beineke (2001, p. 92) o professor consegue lidar melhor com elas ao longo do tempo, com sua experiência prática. Obviamente passamos por dificuldades pela atuação individual e com raríssimas intervenções dos professores titulares. Por exemplo, certa vez ficou difícil eu conter os ânimos dos alunos e preparar o material didático, não que tenha faltado precaução, mas o fato de montar um instrumento musical às vezes podia ser algo que exigisse uma agilidade insólita para aquele momento.

Considerando a alternância de membros da equipe, houve diferenças na atuação de um estagiário que nunca havia lecionado na modalidade de Ensino Infantil, e outro com uma experiência considerável. Com este segundo, pudemos melhorar nossa linguagem na comunicação com os alunos, às vezes fazíamos uso de uns termos muito formais e típicos das discussões acadêmicas, demorou um pouco para adaptar-nos a uma linguagem mais acessível para os alunos, devemos boa parte desse desenvolvimento ao segundo colega. Este colega também nos apresentou um livro didático interessante, no qual ele baseava todas as aulas que planejava, pois optamos por não planejarmos juntos, alternávamos quem seria o mentor de cada aula.

O planejamento de cada aula era feito de forma individual, de acordo as necessidades e características de cada estagiário. Uns procuravam modelos prontos em livros didáticos, outros procuravam criar o próprio planejamento a partir dos conteúdos assimilados e das características das turmas em questão. É possível afirmar que 80% das aulas aconteciam da forma que nossa

equipe havia imaginado previamente, principalmente no grupo 5. O grupo 3 foi nosso maior desafio, ficamos parcialmente surpresos e contrariados, numa aula que planejamos algo que parecia simples e que os alunos não conseguiram reagir aos estímulos solicitados, tivemos que mudar a estratégia, percebemos após cinco minutos de uma atividade malsucedida. Neste caso não foi possível alcançar o objetivo proposto aos alunos, a saber, eles deveriam dizer os respectivos nomes, além de verbalizar as frutas e as cores favoritas, tudo isso dentro de uma métrica rítmica estabelecida.

Com o passar do tempo se tornou perceptível o aprimoramento dos estagiários, melhorando a linguagem, expandindo criativamente as possibilidades didáticas e estreitando laços levemente afetivo com os alunos. Desenvolvimento este, possível através da reflexão pela prática mediada pelos conhecimentos teóricos (BEINEKE, 2001, p. 94).

Uma das coisas mais importantes que percebemos é que os discentes são influenciáveis, é relativamente fácil conduzi-los, eles apresentam um grau de confiança enorme nos adultos. Essa lição foi aprendida através de um acontecimento considerado suavemente negativo, em uma atividade de identificação de timbres eles poderiam estar seguros, mas se um dos estagiários contestasse a resposta eles as mudavam, mesmo que a mudança fosse absurda, como confundir o timbre de uma escaleta com o de um saxofone.

Cada experiência vivenciada em sala de aula era discutida em um momento posterior, costumava-se analisar as atividades que foram eficientes, que auxiliaram os alunos no processo de aprendizagem. Percebemos que quanto maior o grau de interatividade entre os alunos, maior era a apreensão dos conteúdos ensinados, confirmado assim, o que afirma Beineke (2011, p. 101): “[...] a aprendizagem ocorre na interação entre elas, nos processos sociais criados no grupo, quando tomam suas próprias decisões [...].” Discutia-se também sobre as atividades pouco eficientes, assim, o planejamento ia sendo alterado, focando na exploração daquilo que os alunos tinham dificuldade, e, por vezes, explorando o que eles já haviam apreendido, porque sempre que acertavam algum questionamento ou completavam corretamente alguma atividade havia comemorações e aplausos.

O estágio serviu para notarmos a complexidade envolvida na musicalização infantil, dando ênfase a diferentes alternativas didáticas, atentando para as produções de pedagogos especialistas na área de música. Tratando-se do nosso desempenho, houve uma rápida adaptação, um estímulo à criatividade e a um raciocínio mais rápido na busca de soluções imediatas para problemas surgidos no cotidiano da sala de aula. Acerca disso, Beineke (2001, p. 95) afirma que “ [...] é na prática que há o encontro com a teoria, configurando uma outra modalidade de conhecimento: o conhecimento prático do professor”.

Nosso relacionamento com os discentes nunca foi conturbado nesse período de estágio, mas melhorava bastante a cada aula. Os professores sempre foram receptivos, auxiliavam a acalmar alguns alunos por vezes, facilitavam a linguagem caso houvesse exagero na formalidade.

A experiência do estágio serviu para aprimorar qualidades e mostrou alguns pontos que devemos melhorar na função de educadores musicais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de musicalização exige do educador uma compreensão de mundo voltada à realidade do alunado, muitas vezes essa realidade só é perceptível quando o docente se dispõe a uma total imersão. Havíamos atuado em um projeto de intervenção pedagógica, mas na área de música foi uma experiência nova e deslumbrante. A prática de metodologias, a convivência com os discentes e com outros professores fazem com que um estudante de licenciatura aprimore sua didática. Penna (2015, p. 33) afirma que ao musicalizar o professor desenvolve nos alunos mecanismos de percepção que fazem da música algo significativo para estes últimos, validando assim suas experiências e fazendo com que os discentes se sintam participativos do processo de ensino aprendizagem. Acreditamos que contribuímos para a musicalização dos alunos, mas a construção da aprendizagem foi antes de tudo uma troca de saberes, pois eles ensinaram como lidar com crianças, como aperfeiçoar os planos de aula e como melhorar a performance docente. Os erros e acertos cometidos em sala de aula foram de suma relevância

para o nosso aprimoramento pedagógico. Sobre os erros e acertos cometidos, vale salientar que “O educador musical precisa fazer/pensar música e ter condições de repensá-la com base em situações experienciadas e internalizadas no cotidiano de sua prática educativa” (BELLOCHIO, 2003, p. 20).

Muito embora os alunos da UAEI vivenciem música de forma pouco direcionada, os professores da Unidade compreendem que necessitam de conhecimentos pedagógicos aplicados à música. Entretanto, não há por enquanto um trabalho voltado para a capacitação musical desses professores, a medida provisória que encontram é cantar algumas músicas com os alunos ou criar coreografia para algumas músicas. O trabalho realizado nesta Unidade no período de estágio permitiu aos professores observarem alunos de música ensinando conteúdos musicais de acordo com propostas pedagógicas já consolidadas no campo da educação musical, podendo posteriormente repetir algumas atividades executadas em sala de aula, mesmo que eles não dominem os conteúdos e estratégias de forma plena.

Quanto aos alunos, vale ressaltar um aumento da sensibilidade no que diz respeito à dinâmica e na diferenciação de timbres. Com os alunos do grupo 5 foi mais simples de trabalhar questões rítmicas em relação a imitação, o professor faz e eles reproduzem. Foi uma surpresa a facilidade perceptível destes alunos na leitura musical, independentemente de ter trabalhado com leitura alternativa, o desempenho deles merece destaque. Os alunos do grupo 3 eram mais novos, então a própria fase de desenvolvimento deles exigiu uma proposta de trabalho diferenciada, com propostas pedagógicas mais simples, com objetivos menos ousados.

O objetivo deste relato foi a descrição de uma experiência vivenciada, tendo como regra básica priorizar a reflexão antes de qualquer ação. Foi possível expor algumas estratégias pedagógicas utilizadas em sala de aula, algumas com êxito, outras nem tanto. Desta forma espera-se que as descrições feitas sirvam para ampliar as discussões sobre o estágio em música.

Referências

BRASIL. Presidência da República Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Base para a Educação Nacional. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em 01 dez. 2015.**

BEINEKE, Viviane. Teoria e prática pedagógica: encontros e desencontros na formação de professores. *RevistadaABEM*, Porto Alegre, n. 6, p. 87-95, 2001.

_____, Viviane. Aprendizagem criativa na escola: Um olha sobre a perspectiva das crianças sobre suas práticas musicais. *RevistadaABEM*, Londrina, v. 19, n.26, p.92-104, 2011.

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. A formação do educador musical: algumas apostas. *RevistadaABEM*, Porto Alegre, v. 8, p. 17-24, 2006.

CLOUTIER, Richard. Psicologia da adolescência. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012. 480 p .

FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. Educação musical nos anos iniciais da escola: identidades e políticas educacionais. *RevistadaABEM*, Porto Alegre, v. 12, p. 21-29, 2005.

PAPALIA, D.; OLDS, S.; FELDMAN, R. Desenvolvimento Humano. 8 ed. Rio Grande do Sul: Editora Artmed, 2008. 888 p .

PENNA, Maura. Música(s) e seus ensinoss. 2 ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015. 247 p .

SILVA, Belisa, Lucas da; OLIVEIRA, Juliana, Rodrigues de. O papel da graduação em música na prática docente: um relato de experiência. In: XIII ENCONTRO REGIONAL CENTRO-OESTE DA ABEM, 2014, Campo Grande – SP. Educação Musical: formação humana, ética e produção de conhecimento. Campo Grande: ABEM, 2014. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/regional_coeste/regional_coeste/paper/view/817/110>. Acesso em: 17, jul, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. Unidade Acadêmica de Educação Infantil (2013). Projeto Pedagógico. Campina Grande, p. 25. 2013.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.